

uma significação de ordem geral: muitos pensam que a padronização possa se tornar um entrave para as relações comerciais dada a rigidez das suas determinações; tal porém não se dá quando existem órgãos de fiscalização e de controle atentos e com poderes bastantes para, em qualquer época,

reajustar as exigências das especificações às condições da indústria e do comércio.

O caso do papel Kraft, embora relativamente insignificante, serve para demonstrar que o Governo possui, nesse setor, uma orientação prática e objetiva. (E. L. B.)

Terceira Reunião dos Laboratórios Nacionais de Ensaio de Materiais

Realizou-se de 23 a 29 de setembro do corrente ano a 3.^a Reunião dos Laboratórios Nacionais de Ensaio de Materiais, anunciada no nosso número de agosto último.

Transcrevemos abaixo o programa e regimento das sessões e a relação dos trabalhos apresentados:

TERCEIRA REUNIÃO DOS LABORATÓRIOS NACIONAIS DE ENSAIO DE MATERIAIS

Programa das Sessões

- 2.^a feira — 23 de setembro — 16 horas — Sessão inaugural, presidida pelo Sr. Ministro Waldemar Falcão.
- 2.^a feira — 23 de setembro — 17 h. e 30 m. — 1.^a Sessão Plenária, para eleição da Mesa Geral e das Mesas das Comissões.
- 3.^a feira — 24 de setembro — 9 horas — Reunião das Comissões 1.^a, 3.^a, 5.^a, 7.^a, 9.^a e 11.^a.
- 3.^a feira — 24 de setembro — 15 horas — Reunião das Comissões 2.^a, 4.^a, 6.^a, 8.^a, 10.^a e 12.^a.
- 4.^a feira — 25 de setembro — 9 horas — Reunião das Comissões 1.^a, 3.^a, 5.^a, 7.^a, 9.^a, e 11.^a.
- 4.^a feira — 25 de setembro — 15 horas — Reunião das Comissões 2.^a, 4.^a, 6.^a, 8.^a, 10.^a e 12.^a.
- 5.^a feira — 26 de setembro — 9 horas — Reunião das Comissões 1.^a, 3.^a, 5.^a, 7.^a, 9.^a e 11.^a.
- 5.^a feira — 26 de setembro — 15 horas — Reunião das Comissões 2.^a, 4.^a, 6.^a, 8.^a, 10.^a e 12.^a.
- 6.^a feira — 27 de setembro — De manhã — Excursões de estudo.
- 6.^a feira — 27 de setembro — 17 horas — 2.^a Sessão Plenária.
- Sábado — 28 de setembro — 9 horas — 3.^a Sessão Plenária.
- Sábado — 28 de setembro — 15 horas — Sessão de encerramento. Instalação da Associação Brasileira de Normas Técnicas.

Nota — As Sessões Plenárias terão lugar no Salão Nobre da Associação Comercial (à rua da Candelária). As Sessões das Comissões se realizarão no Instituto Nacional de Tecnologia (à Av. Venezuela, 82).

Regimento das Sessões

- 1) — A 3.^a Reunião dos Laboratórios terá sessões plenárias e sessões de Comissão.
- 2) — As Comissões serão em número de 12:
 - 1.^a — Cimento
 - 2.^a — Concreto
 - 3.^a — Concreto armado
 - 4.^a — Madeiras
 - 5.^a — Metais
 - 6.^a — Cerâmica
 - 7.^a — Minérios
 - 8.^a — Combustíveis
 - 9.^a — Solos
 - 10.^a — Material elétrico
 - 11.^a — Metrologia
 - 12.^a — Associação Brasileira de Normas Técnicas.
- 3) — As sessões plenárias serão dirigidas por uma mesa geral eleita na 1.^a Sessão e composta de 1 presidente, 3 primeiros vice-presidentes, 1 secretário geral e 1 primeiro secretário.
- 4) — Cada Comissão será dirigida por uma mesa, eleita na 1.^a sessão plenária e composta de 1 presidente, 1 vice-presidente e 1 secretário.
- 5) — Cada Comissão terá um relator escolhido pela Comissão Organizadora, com uma antecedência mínima de 10 dias sobre a data do início da Reunião e que terá como função o estudo antecipado dos trabalhos, apresentados à Comissão.
- 6) — A Mesa geral terá um Relator geral escolhido previamente pela Comissão Organizadora e encarregado de coordenar o trabalho dos relatores das Comissões e de levá-los a conhecimento do plenário com seu parecer.
- 7) — Quer nas Comissões quer nas sessões plenárias as votações, além das que se referem às eleições das mesas, se limitarão exclusivamente à aprovação,

- emenda ou rejeição de normas (especificações, métodos de ensaio, normas de execução e de cálculo, tipos padrão) que tenham sido apresentadas à Comissão Organizadora com antecedência mínima de 15 dias sobre a data do início da Reunião. Quaisquer outras votações realizadas serão por si mesmas nulas e insubsistentes.
- 8) — Nas Comissões a discussão é livre a critério do Presidente e poderá abranger quaisquer assuntos incluídos na ordem do dia da Comissão. As emendas e modificações às normas propostas nas condições do item anterior só poderão ser discutidas quando apresentadas por escrito à Comissão em que o assunto deve ser tratado com a antecedência mínima de 24 horas.
- 9) — Nas Sessões Plenárias cada congressista poderá tomar a palavra no máximo 2 vezes sobre o relatório de cada Comissão; não podendo de cada vez falar mais de 5 minutos. No entanto a Presidência terá sempre o direito de restringir o tempo de discussão afim de permitir que se chegue a resultado. Os relatores poderão falar quantas vezes acharem necessário.
- 10) — Cada congressista, ao pedir a palavra, deverá declarar preliminarmente o seu nome (e o da entidade que representa, quando for o caso) afim de facilitar o trabalho de confecção das atas.
- 11) — As votações relativas à fundação proposta da Associação Brasileira de Normas Técnicas serão feitas de acôrdo com as regras estabelecidas nos itens 8, 9 e 10 desse regimento.
- 12) — Nas votações de normas (especificações, métodos de ensaio, normas de cálculo e execução e tipos padrão) só terão direito a voto as entidades. As decisões serão tomadas por maioria de 2/3 dos votantes.
- 7) G. Molinari, do I. P. T. de São Paulo — Observações relativas à determinação da expansibilidade na autoclave.
- 8) Paulo Sá, do I. N. T. — Duas notas relativas aos cimentos nacionais.
- 9) Paulo Sá, do I. N. T. — A especificação EB-1 para cimento e as tendências modernas.
- 10) G. Molinari, do I. P. T. de São Paulo — Observações relativas ao turbidímetro de Wagner.
- 11) F. J. Maffei e G. Molinari, do I. P. T. de São Paulo — Contribuição para o estabelecimento de métodos de ensaio para as pozolanas.

2.^a Comissão — Concreto :

- 12) Instituto Nacional de Tecnologia e Instituto de Pesquisas Tecnológicas de São Paulo — Especificações para tubos de concreto.
- 13) Comissão — Método recomendado para ensaio de qualidade de agregados.
- 14) A. Hor Meyll, do Departamento Nacional de Portos — Consideração sobre normas para concreto em obras marítimas.
- 15) G. Molinari e Caio Ferraz Velloso, do I. P. T. de São Paulo — Estudo sobre a retração do concreto.

3.^a Comissão — Concreto armado :

- 16) Comissão especial — Normas para cálculo e execução de obras de concreto armado.
- 17) J. Burlamaqui, da Associação Brasileira de Engenharia Ferroviária — Sugestões sobre o projeto de Normas de Concreto Armado.
- 18) Escritório Saturnino de Brito — Sugestões sobre o projeto de normas.
- 19) Aderson Moreira da Rocha, A. A. Noronha, F. A. Basílio, L. Schimmelpfeng, Paulo Fragoço — Sugestões sobre o projeto de normas.
- 20) Azevedo Moura e Gertum — Sugestões sobre o projeto de normas.

4.^a Comissão — Madeiras :

- 21) F. A. Brotero, do I. P. T. de São Paulo — Aparelhagem mínima para estudo de madeiras.
- 22) A. Vieira, do I. P. T. de São Paulo — Ensaio de cisalhamento de madeiras.

5.^a Comissão — Metais :

- 23) Eros Orosco e Helena B. Orosco, do I. N. T. — Metalografia das ligas de alumínio.
- 24) Eros Orosco, do I. N. T. — Relação entre os números de dureza Rockwell e Brinell.
- 25) Eros Orosco, do I. N. T. — Ensaio de dureza pelo método de Brinell.
- 26) A. Pereira de Castro, do I. P. T. de São Paulo — Método de ensaio de dureza Brinell.
- 27) A. Pereira de Castro, do I. P. T. de São Paulo — Dados relativos à especificação EB-3 e aos métodos MB-4 e MB-5.

Trabalhos apresentados (até 10 de setembro)

1.^a Comissão — Cimento :

- 1) Instituto Nacional de Tecnologia e Instituto de Pesquisas Tecnológicas de São Paulo — Análise química do cimento portland.
- 2) Instituto Nacional de Tecnologia e Instituto de Pesquisas Tecnológicas de São Paulo — Especificação para cimento de alta resistência inicial.
- 3) G. Molinari, do I. P. T. de São Paulo — Dados relativos à aplicação da especificação EB-1.
- 4) G. Molinari, do I. P. T. de São Paulo — Contribuição para a fixação dos limites numa especificação para cimento de alta resistência inicial.
- 5) M. Teixeira de Castro, da Cia. Brasileira de Cimento Portland — Contribuição para o estabelecimento de uma especificação para cimento de alta resistência inicial.
- 6) M. Teixeira de Castro, da Cia. Brasileira de Cimento Portland — Estudo experimental do ensaio de autoclave.

6.ª Comissão — Cerâmica :

- 28) F. Araújo Silva, do I. P. T. de São Paulo — Especificação para tubos cerâmicos vidrados.

7.ª Comissão — Minérios :

- 29) A. Furia, do Instituto Paulista de Química — Métodos de análises de minérios.
30) C. E. Nabuco e L. Miguez de Melo, da Associação de Química do Brasil — Método para a determinação do níquel em minérios de níquel.

8.ª Comissão — Combustíveis :

- 31) Instituto Nacional de Tecnologia — Método para formação de amostras de carvão.
32) Instituto Nacional de Tecnologia — Análise imediata do carvão.
33) F. de Moura, da Associação de Química do Brasil — Análise química do carvão.
34) F. de Moura, da Associação de Química do Brasil — Colheita e preparo de amostras de carvão.

9.ª Comissão — Solos :

- 35) Paulo Sá, do I. N. T. — O solo e sua estabilização.
36) M. Brandi Pereira, da Inspetoria de Obras contra as Secas — Métodos de ensaios de solos.

- 37) Franklin Gross, do Departamento de Estradas de Rodagem do Rio Grande do Sul — Ensaio de solos.

10.ª Comissão — Material elétrico :

- 38) L. G. Colangelo Nóbrega, da Escola Politécnica de São Paulo; A. Bresser Monteiro, da Prefeitura de São Paulo; O. Marcondes Ferraz, representante da Federação das Indústrias de São Paulo; E. F. de Fonseca Teles, representante da Associação Comercial de São Paulo; Guilherme Vilares, representante da São Paulo Tramway Light and Power — Ante-projeto de código de instalações elétricas.

- 39) M. Issler Vieira — Situação das instalações elétricas no Brasil.

12.ª Comissão — A. B. N. T.

- 40) Comissão especial (relator Paulo Sá) — Projeto de estatutos.

No próximo número faremos um comentário sobre os trabalhos apresentados e as conclusões a que chegaram as diferentes comissões.

Informamos, ainda, que foi fundada, em 23 do corrente mês, a Associação Brasileira de Normas Técnicas.

MOVIMENTO DA PADRONIZAÇÃO NO ESTRANGEIRO

BRITISH STANDARDS INSTITUTION

A gentileza do Secretário da Câmara de Comércio Britânica devemos o recebimento dos últimos folhetos relativos aos padrões publicados pelo órgão de padronização da indústria britânica.

Para algumas especificações o método clássico de distribuição aos interessados, produtores e consumidores, do projeto de revisão foi abandonado, dado o estado de guerra em que se acha o Reino Unido. Por isso, alguns folhetos trazem colada uma folha amarela de "War Emergency Revision", pela qual são postas de acordo com as condições do abastecimento atual do mercado britânico, as exigências anteriormente feitas para o padrão inglês do material especificado.

Essa revisão de guerra tende a dar, quasi sempre, maior elasticidade à qualidade do produto, sem prejuizo, naturalmente, do mínimo de eficiência necessária.

Isso nada tem de extraordinário, porquanto aqui mesmo, na indústria brasileira, já se tornou necessário realizar adaptações à situação atual de suprimento das matérias

primas importadas para a fabricação de papel, conforme o leitor poderá verificar em nota inserta em outro local.

CABOS DE MANILHA PARA LISOS GERAIS

A especificação inglesa para cabos de manilha (Manila Ropes for General Purposes) data de 1931, tendo sido a de junho deste ano a primeira revisão feita. O estado de emergência da produção britânica alterou a cláusula 3 dessa especificação (*War emergency revision*) admitindo a mistura de sisal nas seguintes proporções :

Tipo 1 — "Special" — 73-77% em peso de fibra genuína e longa de manilha (*Musa textilis*), 27-23% em peso do sisal (*Agave sisalana*).

Tipos 2 e 3 — "Standard" e "Merchant" — 64-69% em peso de fibra genuína longa de manilha (*musa textilis*), 36-31% em peso de sisal (*Agave sisalana*).

Nenhuma outra mistura além da fibra de sisal será admitida, notifica a folha da "*War Emergency Revision*".